



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

UNIVERSIDADE LIVRE: Boletim Mensal¹ – Este periódico deve o seu nome à instituição que o lançou e que era sua proprietária, a «Universidade Livre - para a Educação Popular», constituída em Lisboa, em Dezembro de 1911, com o objetivo de «*promover, tanto quanto possível, a educação moral, social, estética e científica do povo português*». A proposta foi apresentada por Alexandre Ferreira «*num grupo de indivíduos, que defendendo a liberdade humana sabem bem que a sua noção e exercício integrais só podem ser dados pela educação.*»²

Ainda em Dezembro foi constituído o primeiro Conselho Administrativo da Universidade Livre, que fez distribuir por todo país uma «circular» a apresentar o projecto da UL e um «questionário» para conhecer a receptividade do público à nova instituição e identificar as suas necessidades e interesses, de modo a orientar melhor a oferta programática.³

Para cumprir a sua missão pedagógica, a Universidade Livre propunha-se ir «*a toda a parte onde mais necessário for a sua acção; aos centros fabris, perto das oficinas, às aldeias, aos pequenos e aos grandes povoados, realizando lições, conferencias, palestras e leituras, promovendo guerra ao vício em geral e à taberna em particular.*»⁴

Ao fim de dois anos de intensa atividade – que ficou materializada em 42 conferências e 366 lições em cursos fixos, a que assistiram mais de 33.500 indivíduos; 2 excursões e 26 livros publicados⁵ –, em Janeiro de 1914, a *Universidade Livre* iniciou a publicação do *Boletim mensal*, que manteve até Dezembro de 1916. Inevitavelmente, a sua vida editorial foi condicionada e influenciada pelo eclodir da Primeira Grande Guerra Mundial (Julho de 1914), sobretudo após a declaração de guerra da Alemanha a Portugal, em Março 1916. De facto, a partir desta data trágica, a linha editorial do *Boletim* passou a ser orientada para a «propaganda patriótica», ao mesmo tempo que a

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/UniversidadeLivre_BoletimMensal/UniversidadeLivre.htm

² Cf. «Da fundação da Universidade Livre em Lisboa. Do início da sua obra:», no «Relatório do Conselho Administrativo, 1911 a 1913», in nº 12, Dezembro de 1914, pp 216. Quanto o «grupo de indivíduos», encontramos informação no *Dicionário da Maçonaria Portuguesa* (Vol.II), num verbete sobre a Universidade Livre, onde se afirma que foi criada na loja *Montanha*, onde Alexandre Ferreira foi iniciado (1905) e, mais tarde, ascendeu ao cargo de *Venerável*.

³ O texto dos dois documentos foi transcrito no «Relatório do Conselho Administrativo, 1911 a 1913», in nº 12, Dezembro de 1914, pp 216-217.

⁴ *Idem*.

⁵ Cf. «Breves palavras», in nº 1, de Janeiro de 1914, p. 7.

sua periodicidade passou a ser bimestral. Portanto, embora a publicação tenha totalizado os expectáveis 36 números, correspondentes aos seus três anos de vida, os últimos sete números foram duplos.

A redação e administração do *Boletim* tinham sede nas instalações da *Universidade Livre*, na Praça Luís de Camões, nº 46, 2º. A sua impressão foi assegurada, invariavelmente, pela Tipografia Eduardo Rosa, da Rua da Madalena, nº 31.

Materialmente, é uma publicação modesta: formato pequeno (21 cm), com uma média de 16 a 24 páginas por número, impressas a uma cor. Alguns números apresentam imagens, como desenhos relacionados com as matérias abordadas e fotografias dos dirigentes e professores da Universidade Livre. Não inclui publicidade. Esta singeleza, bem como o preçário praticado, traduzem a preocupação e o esforço para disponibilizar uma publicação compatível com algibeira do público a que se dirigia, a pequena-média burguesia, sobretudo urbana e afeta ao setor comercial, e o operariado. A assinatura anual custava 80 cêntimos e o número avulso 8 cêntimos; 2 meses depois de ter deflagrado a guerra, em Setembro de 1914, estes valores foram reduzidos para 50 e 5 cêntimos, respetivamente.

OBJETIVOS E CONTEÚDOS

Ficaram definidos em «Breves palavras», o editorial do primeiro número (o negrito é nosso):

«O Conselho Administrativo da Universidade Livre de Lisboa apresenta hoje mais um trabalho atinente a **desenvolver a vida associativa desta instituição**, - o boletim mensal.

*Este boletim é uma publicação aberta a todos os intelectuais, sem reconhecimento de supremacia por quaisquer escolas ou partidos e assim constituirá uma tribuna livre para **apresentação de todas as ideias que interessam ao problema educativo**, e será **mais o complemento da propaganda** para que todos aqueles que, não podendo acompanhar de vistas esta obra, ficarão assim elucidados do trabalho de educação popular que esta colectividade aborda em conformidade com os seus meios. Confia também esta Universidade em que a sua população associativa sentira a acção benéfica deste trabalho em que serão empenhados os esforços convenientes para que todos os pensadores nacionais ilustrem com as suas iniciativas as páginas desta publicação, sendo também organizada **uma secção que diga o que for julgado interessante do movimento intelectual de além-fronteiras.**»⁶*

O *Boletim* estava estruturado em 5 secções: «*Pedagogia*», para artigos de algum fôlego sobre educação popular, instrução e ensino; «*Conferências e Lições na Universidade Livre*», para

⁶ Cf. «Breves palavras», in nº 1, de Janeiro de 1914, pp. 3.

publicação, parcial ou integral, de algumas dissertações proferidas no quadro da programação da UL; «**Actualidades Científicas**», para pequenas notícias sobre o que estava a acontecer de mais inovador, sobretudo do estrangeiro; «**Vida Associativa da Universidade Livre**», para divulgação das atividades realizadas e agendadas (cursos, conferências, visitas de estudo, excursões e outros eventos) e de informação de natureza institucional (balancetes mensais, relatórios administrativos anuais, dados estatísticos sobre matrículas, habilitações e profissões dos frequentadores dos cursos, eleição dos corpos gerentes, etc.); e a secção «**Questionário**», um espaço dedicado à interação dos sócios, que obedecia às seguintes “regras”: «(...) As perguntas e respostas devem ser escritas só de um lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeitadas às perguntas, devem elas vir ser acompanhadas com indicação do nome e número do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referências, convém que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possível, compatível com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos – ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direção pede encarecidamente a todos os sócios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde de que não tragam algum reclamo especial com prejuízo de qualquer.»⁷

Como se depreende, o *Boletim mensal* constitui um valioso documento para o estudo da Universidade Livre de Lisboa, desde a sua fundação até ao final de 1916, e também contém muita informação sobre a história do movimento de educação popular e das universidades livres, em Portugal e no estrangeiro, e sobre o sistema de ensino português. Temáticas que foram, sobretudo, desenvolvidas em artigos publicados na secção «Pedagogia», de entre os quais destacamos: «A função das Universidades Livres» (n.º 1); «A Instrução Popular» (n.º 1); «As Universidades Livres» (n.º 1); «Razão de ser da Universidade Livre» (n.º 1); «A instrução em Portugal» (n.º 2, 3, 5); «O nosso ensino secundário» (n.º 9). E também no «Relatório do Conselho Administrativo, 1911-13», onde se evoca a história «Dos percursos do ensino popular em Portugal universitário e livre em Portugal», (n.º 12, em «Vida Associativa da Universidade Livre») e na edição especial dedicada ao 4.º Aniversário da UL (n.º 25).

As conferências e lições selecionadas para publicação estão centradas em temas diversos, ainda que revelem um interesse particular por assuntos relacionados com a história da organização das sociedades e o desenvolvimento da actividade económica (os portos, o comércio, as máquinas,

⁷ Cf. «Questionário», in n.º 2, de Fevereiro de 1914, p. 35.

as fontes de energia, etc.). Em *Separata* publicaram um curso de «Matemática aplicada ao comércio» (nº 4, 5, 6, 7, 11, 14 e 26).

As referências à guerra europeia começam por aparecer na secção «Vida Associativa», a pretexto das várias conferências organizadas pela UL sobre o «momentoso tema», e de informações e sugestões uteis para a preparação da população para as dificuldades que se avizinhavam, nomeadamente por conta da subida de preços e da falta de bens alimentares de primeira necessidade, etc.⁸

Em Outubro de 1914, a UL assumiu no *Boletim* a sua **posição pró-intervenção de Portugal na guerra**, ao fazer relato detalhado das ações que empreendera, durante o mês de Setembro, a fim de organizar um **movimento de protesto «contra as atrocidades praticadas pelo militarismo prussiano»**, tomando por pretexto o recente bombardeamento da Universidade de Louvain (Bélgica) e da Catedral de Reims (França). Para o efeito convocou «todas as Associações académicas, artísticas e científicas» para uma reunião, na sua sede, «para se acordar na forma mais solene de se lavrar um veemente protesto contra actos só próprios de hordas selvagens.» Nessa assembleia muito participada, onde foram apresentadas várias propostas e moções, foi decidida a constituição, por nomeação, de uma «Comissão Executiva» para assegurar de imediato as seguintes ações: «1.º Uma manifestação de simpatia á Inglaterra representada pela guarnição do couraçado inglês que deve entrar no Tejo na próxima segunda feira. 2.º Uma manifestação de simpatia á França e Belgica representadas pelos seus ministros em Lisboa. 3.º A redação, impressão e distribuição de protestos contra os vandalismos cometidos pelos exércitos alemães na Belgica e na França, em conformidade com as propostas que neste sentido forem aprovadas. 4.º Uma demonstração ao governo de que a opinião publica o apoia conscientemente e com todo o entusiasmo em todos os actos tendentes a exteriorizar a nossa simpatia pela França, a Inglaterra e Belgica e a provar materialmente a nossa vitalidade de nação independente.»⁹ O desenvolvimento destas e de outras acões, bem como os documentos que delas emanaram (propostas, moções, protesto, manifesto, saudações, etc.) foram reportados e reproduzidos no *Boletim*.

Em Maio de 1915, na secção «Conferências e lições na universidade» iniciaram a publicação de uns «Extratos das conferências realizadas pelo snr. Carlos Ferreira, agente comercial oficial em Bruxelas», sobre «A Belgica em tempo de paz», que retrata a organização do ensino, do trabalho e da actividade económica, fazendo algumas comparações com a realidade portuguesa, e «A

⁸ Conf. a partir do nº 7, de Julho de 1914.

⁹ Conf. «O protesto contra a destruição de monumentos artisticos da Belgica e França», in nº 10, de Outubro de 1914, pp. 159-166.

Belgica em tempo de Guerra», que evoca episódios da invasão alemã e do seu impacto no quotidiano da população civil.¹⁰

Finalmente, em 1916, no primeiro número bimestral (Março-Abril), anunciaram a referida alteração radical da linha editorial e da periodicidade do seu *Boletim*: «A Universidade Livre, no intuito de elevar os sentimentos patrióticos da nação, resolveu sacrificar a regularidade da publicação do seu boletim mensal a uma distribuição mais numerosa.

Assim o boletim passará a ter uma tiragem de 5000 exemplares; como consequência deste excesso de despesa cada volume corresponderá a dois meses.

Sem maior gravame para os nossos acanhados recursos, empenhar-nos-hemos numa missão altamente patriótica, reeditando e divulgando trechos brilhantes de feitos heróicos.»¹¹

Concluindo, a estrutura de secções original desapareceu, embora continuem a prestar contas sobre a vida institucional (balancetes mensais, quadros-síntese sobre o trabalho universitário desenvolvido, dados estatísticos sobre os “alunos”, etc.). Também publicaram, esporadicamente, algumas notícias sobre a guerra em curso.

Quanto à selecção de trechos heroicos, incidiu sobre obras diversas, como: «A história do Marechal Saldanha», de D. António da Costa; «A morte do Lidador», de Alexandre Herculano; «História trágico marítima», da Enciclopédia Prática Milhões de Coisas; «Portuguezes na Índia», de Bulhão Pato; e «Quadros históricos de Portugal» de António Feliciano de Castilho, entre outras. O fim da *Boletim* não foi anunciado. Em meados do ano seguinte (1917), a UL iniciou a publicação do *Boletim Patriótico da Universidade* destinado aos “expedicionários portugueses na campanha anglo-francesa”, que não está presente na coleção da Hemeroteca Municipal.

DIRIGENTES E COLABORADORES

As funções de diretor e de editor do *Boletim* foram invariavelmente assumidas pelo presidente do Conselho Administrativo da Universidade Livre, eleito em Assembleia Geral de sócios: Alexandre Ferreira¹², entre de Janeiro a Junho de 1914 e, mais tarde, de Maio a Dezembro de 1916; António

¹⁰ Cf. n.ºs 18-20.

¹¹ Cf. «Propaganda patriótica», in nº 27-28, Março-Abril de 1916, p. 2.

¹² Alexandre Ferreira – Nasceu em Miragaia (Porto) a 4/11/1877, e fez os seus estudos na cidade Invicta. Começou a trabalhar como «humilde caixeiro no norte do país», depois veio para Lisboa onde se fez técnico de seguros, republicano e maçom. Foi iniciado em 1905 na loja *Montanha*, em Lisboa, com o nome simbólico *Verdade*, e foi seu *Venerável*. Ciente das potencialidades da Educação, enquanto ascensor social e motor do progresso de toda a sociedade, empenhou-se em garantir que o povo tivesse acesso a ela por via do mutualismo e do associativismo. Fundou e dirigiu várias instituições de instrução, cultura, desporto e assistência à maternidade e às crianças, nomeadamente: a Universidade Livre, a Academia dos Amadores de Música, o Lisboa Ginásio Clube, a Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio e

Maria de Pires¹³, de Julho de 1914 até Março de 1915 ; e João de Matos Rodrigues¹⁴, de Abril de 1915 até Abril 1916.

O leque de “colaboradores” do *Boletim* ficou confinado a um grupo restrito de intelectuais, na sua maioria professores conceituados de instituições de ensino universitário e politécnico que asseguravam as conferências e os cursos da *UL*, tais como: Agostinho Fortes, Afonso Afonso Castilho, Alfredo Appel, Almeida Lima, António Cabreira, António Ferrão, António J. de Sá Oliveira, Manuel Soares Melo e Simas, Carneiro de Moura, Oliveira Ribeiro, Rodrigo de Castro, Tomaz da Fonseca, entre outros.

Lisboa, 10/10/2018

Rita Correia

Indústria e Inválidos Comércio, a Colónia Balnear da Cruz Quebrada; organizou o Congresso Nacional de Educação Popular (1922); foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa (1917; 1923-25; 1926-28) e deputado (1925-26). Deixou publicados alguns livros, opúsculos e artigos na imprensa sobre mutualismo, seguros sociais, direitos das mulheres, cultura popular e desporto. Faleceu em Lisboa em 15 de Março de 1950.

¹³ António Maria Pires – Nasceu em Lisboa a 12/12/1888 e conclui, com distinção, o Curso Superior de Comércio, do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Foi professor em várias instituições de ensino, públicas e privadas, como: Escola Comercial de Ferreira Borges, Escola Preparatória de Rodrigues Sampaio, Instituto Comercial de Lisboa, Instituto Superior de Comércio, Ateneu Comercial de Lisboa, Associação dos Caixeiros, Escola Académica, Universidade Livre, entre outras. Exerceu vários cargos na administração pública, nomeadamente no Banco de Portugal, na Direção Geral da Contabilidade Pública, na Divisão do Crédito e das Instituições Sociais Agrícolas, Câmara de Corretores de Fundos de Lisboa e da Bolsa de Mercadorias de Lisboa. Também trabalhou no setor dos seguros e foi fundador do Instituto dos Atuários Portugueses. Foi um entusiasta do mutualismo e do associativismo, além de um grande colecionador de livros e um excelente xadrezista: Campeão nacional de 1912 a 1926 e fundador da Federação Portuguesa de Xadrez. Faleceu em Lisboa a 21/05/1954.

¹⁴ João de Matos Rodrigues – Nasceu na Amieira do Tejo a 15/07/1887 e muito provavelmente cruzou-se com o António Maria Pires no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, pois também fez o Curso Superior de Comércio. Profissionalmente, também esteve ligado à área das seguradoras, como atuário (avaliador de risco) de várias empresas de seguros e de caixas sindicais de Previdência. Deu aulas na Universidade Livre e, mais tarde (1925), no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Também desempenhou funções nos Caminhos de Ferro do Estado. Desconhecemos a data do seu falecimento.

BIBLIOGRAFIA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

BANDEIRA, Filomena, co-autor e NÓVOA, António, dir. - *A Imprensa de Educação e Ensino: Reportório Analítico (séc. XIX-XX)*. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional: 1993.

CORTESÃO, Jaime – «As Universidades Populares» I - VI, *in A Vida Portuguesa, Quinzenário de inquérito à vida nacional*, dir. Jaime Cortesão, n.º 3-5, 8 e 10, de 30/11/1912 a 16/03/1913. Disponível na Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/284> [Consultado a 14/9/2018]

FERNANDES, Rogério - *Uma Experiência de Formação de Adultos na 1.ª República: a Universidade Livre para a Educação Popular (1911-1917)*. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa, Fevereiro de 1993.

MARQUES, A. H. de Oliveira - *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, Vol. I e II. Lisboa : Delta, 1986.